

**PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DE PREVENÇÃO CONTRA VIOLÊNCIA SEXUAL NA INFÂNCIA:
ANÁLISE DE HISTÓRIAS PARA CRIANÇAS***PREVENTION PEDAGOGICAL PRACTICES AGAINST THE CHILDHOOD SEXUAL VIOLENCE:
CHILDREN'S STORIES ANALYSIS.*


*Daniele Pelaes Damasceno MADURO¹
Ângela do Céu Ubaiara BRITO²*


Resumo: A investigação tem como objetivo analisar as Práticas Pedagógicas que possibilitam a formação das crianças em relação à prevenção da violência sexual por meio da literatura, com o intuito de que elas possam desenvolver as habilidades de proteção. Tem a seguinte pergunta investigativa: Como trabalhar práticas pedagógicas com o público infantil por meio de histórias que abordam as temáticas da violência e da prevenção sexual? A metodologia fundamenta-se na abordagem qualitativa, no estudo bibliográfico com uso de artigos, livros, dissertação e teses produzidos nos últimos 10 anos de pesquisa na área. Os resultados mostram a necessidade de investimento nas intervenções que forneçam informações sobre violência sexual e sua prevenção para todos os públicos, especialmente para pais, educadores e outros profissionais que trabalham com o público infantil. Assim, os livros analisados, podem contribuir e auxiliar no trabalho de profissionais para desenvolverem projetos de prevenção, ajudando os mesmos no processo de criação, seleção e identificação de livros para serem usados nas práticas de ensino. A pesquisa auxilia na formação da família sobre métodos de abordagem adequada com as crianças em relação à violência sexual.

Palavras- Chave: Violência Sexual. Infância. Livros Infantis.

INTRODUÇÃO

A violência sexual contra crianças ocorre em todos os grupos, sem distinguir raça, cor, tamanho, crenças ou fatores sócio-econômicos. Segundo a Organização Mundial da Saúde - OMS (WHO, 1996), este é um dos principais problemas de saúde pública do mundo. Entende-se a importância de práticas pedagógicas como recurso para o enfrentamento da violência sexual infantil, tema da pesquisa de Iniciação Científica cujos resultados servem de embasamento deste artigo – que os aprofunda e amplia. O objetivo é analisar livros infantis que abordem a prevenção da violência sexual em escolas ou instituições de proteção à criança.

¹ Graduanda em Pedagogia pela Universidade do Estado do Amapá - (UEAP), pertencente ao grupo de Pesquisa Ludicidade, Inclusão e Saúde (LIS). E-mail: danniplslm.dp@gmail.com  <https://orcid.org/0000-0002-8694-7152>

² Doutora em Educação pela Universidade de São Paulo (2013); professora da Universidade do Estado do Amapá e no Programa de Mestrado em Educação da Universidade Federal do Amapá (PPGED/UNIFAP). E-mail: angelaubaiara@bol.com.br  <https://orcid.org/0000-0002-4335-8163>

<https://doi.org/10.36311/2236-5192.2020.v22esp.08.p107>

Sanderson (2005) define violação sexual infantil como o envolvimento e a relação na qual uma criança está inserida, uma atividade sexual na qual a mesma não está completamente ciente, muitas vezes não entendendo a situação por não estar preparada em termos de desenvolvimento, tornando-se incapaz de informar seu consentimento, o que posteriormente causará sequelas na criança, afetando seu desenvolvimento, seja na saúde física e mental, cognitivo e social e outros sintomas perceptíveis a curto ou a longo prazo. Este estudo busca analisar recursos disponíveis para ensinar formas de proteção e autodefesa, em particular os livros infantis que podem orientar professores, pais e crianças. O enredo destes abordam a prevenção da violência sexual contra as crianças e busca compreendê-los como práticas pedagógicas para ajudar crianças na autodefesa e na formação de conceitos adequados sobre essa temática. Os questionamentos que motivam a investigação são: Como as crianças aprendem a autodefesa em relação ao abuso sexual? Qual a formação do professor para trabalhar com as crianças sobre a temática sexual? Que práticas pedagógicas podem ser utilizadas para o trabalho da prevenção do abuso sexual? Como trabalhar a violência sexual por meio de histórias? Sintetizando, busca-se elaborar práticas pedagógicas com as crianças a partir de histórias que abordam a temática da violência e prevenção sexual na infância.

Este trabalho caracterizou-se pela abordagem qualitativa, no estudo bibliográfico (Marcondes, Oliveira e Teixeira (2010); Medeiros (2007) que analisou os dados de maneira compreensiva e explicativa por meio da Análise de Conteúdo fundamentada em Franco (2005) e Bardin (2016). O artigo discute na parte teórica o histórico da infância e das questões de sexualidade das crianças; violência infantil; sinais e sintomas de violência sexual nas crianças; os impactos e consequências da violência sexual; a escola e o professor diante da violência sexual. Ainda apresenta a seção metodológica, os resultados e análises dos dados com as discussões de histórias que abordam a temática sexual e possibilita a formação crítica para a autodefesa das crianças.

A pesquisa oferece subsídios para a qualificação/preparação do profissional da infância e demais adultos responsáveis pela criança; também pode inspirar práticas pedagógicas nas escolas, casas e outros locais.

UM BREVE HISTÓRICO SOBRE A INFÂNCIA E QUESTÕES DE SEXUALIDADE DA CRIANÇA

Na história da infância encontramos registros de que – aos olhos de hoje – valorizava-se pouco o cuidado e a proteção da criança. A história revela-nos casos e práticas recorrentes de assassinatos, torturas, abandono e abuso sexual das mesmas. Em suas pesquisas, Azambuja (2004, p. 83) mostra o longo e doloroso histórico da criança em situação de maltrato e desproteção, iniciado “desde a Antiguidade, entre os povos egípcios e mesopotâmios, romanos, gregos, medievais e europeus”. Ao regressarmos historicamente, vê-se o quanto a infância foi vítima e exposta a situações de violência, descaso e invisibilidade.

Ariès (1981) em sua obra “História social da Criança e da Família” descreve aspectos e representações importantes da era medieval até a modernidade. O autor mostra a visão que tinham sobre as crianças nas pinturas e na arte, que acaba por ser o reflexo de como a sociedade encarava a infância, visto que, até por volta do século XII, a arte medieval desconhecia a infância ou não tentava representá-la. As crianças eram vistas como pessoas adultas em miniaturas, sem realidade e imagem definidas.

Não havia distinção em diversos aspectos do cotidiano ou separação entre “as crianças dos adultos, nem através do traje, nem através do trabalho, nem através dos jogos e brincadeiras” (ARIÈS, 1981 p.41), o que acarretava na “liberdade” de adultos para com as crianças com grosserias e indecências nas brincadeiras, que não eram restritas aos criados ou jovens; todos se divertiam com as crianças. Mais ainda, o autor retoma cenas que afirmam a exposição da criança, usada para satisfazer desejos e prazeres sexuais.

Até o século XVI, o desrespeito para com a infância era grande, pois os adultos faziam e falavam sobre situações obscenas e indecentes diante da criança (ARIÈS, 1981); com relação à Modernidade, o autor discute o novo olhar para a infância e “uma noção que impôs: a inocência infantil” (ARIÈS, 1981 p. 84), segundo a qual a criança não devia ser exposta ou submetida a situações indecentes.

Ao tratar da infância no Período Contemporâneo, que inicia por volta do século XVIII marcado fortemente pelos interesses capitalistas, o autor Postman (2012) – assim como Ariès (1981) - discute o conceito de infância percorrendo os tempos, especialmente a contemporaneidade. Postman (2012) foca-se na criança que tem acesso as mesmas mídias e programas que os adultos, o que acarretou na adultização e erotização da infância; a “adultização” das crianças, anunciada constantemente na TV, revistas e sites da internet, apresenta ao público crianças espertas, atraentes e maduras, com reflexos nos vestuários, danças, filmes e conversas das mesmas. Corroborando, Landini (2000, p.29) também discute a perceptível imagem “erótica infantil” vista nas redes midiáticas, principalmente, por “não é difícil encontrar propagandas e anúncios onde a criança é mostrada em pose sensual ou em contexto de sedução”. Percebe-se então, que as crianças se tornaram novamente expostas a situações e conteúdos erotizados, “atropelando” o desenvolvimento/potencialidade intelectual e emocional das mesmas.

VIOLÊNCIA INFANTIL: DEFINIÇÕES E TIPOS

A violência sexual infantil é um problema universal que atinge muitas vítimas, sem distinguir idade, níveis sociais, etnias, gêneros, culturas e religiões. Segundo a Secretaria Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente, no país a cada 24 horas, 320 crianças e adolescentes são vítimas de violência sexual (OAB/RS, 2018) e em cada 100 denúncias de maus-tratos, 9 são de violência sexual contra crianças. Em 80% dos casos a vítima é do sexo feminino e 20% do sexo masculino (ABRAPIA, 2002).

A violação dos direitos sexuais/sexualidade da criança ocorre quando ela é inserida em determinado contexto para praticar ou presenciar atos de satisfações eróticas, que podem ocorrer com ou sem contato físico, por meio do assédio, propostas\convites de maneira verbal ou por gestos, conversas abertas sobre atividades sexuais incompatíveis e inadequadas para a idade da criança; telefonemas e falas obscenos; exibicionismos, tais como mostrar os órgãos genitais intencionalmente para a vítima; voyeurismo; exposição de vídeos, fotos e cenas relacionadas a sexo etc.. (ARAÚJO, 2002; YUNES, MIRANDA, 2008; PIETRO, 2007; SANDERSON, 2005; SAYÃO, 2006). Nessa perspectiva, a violência sexual se expressa das seguintes formas: Abuso sexual, exploração sexual comercial e tráfico de pessoas.

Sanderson (2005) define abuso sexual contra a criança como situações e envolvimento em que ela é inserida para ser usada como gratificação para satisfazer necessidades ou desejos sexuais com pessoas mais velhas, nas quais a criança é incapaz de informar seu consentimento consciente por causa da diferença de idade, tamanho ou de poder. O abuso sexual pode ocorrer de duas maneiras: por meio da violência intrafamiliar, que ocorre quando existe um laço familiar entre a vítima e do abusador e da violência extrafamiliar, que acontece quando o abusador é desconhecido da vítima, sem vínculo familiar ou afetivo entre ambos.

Outro ponto na discussão é a Exploração Sexual Comercial que envolve sexo entre crianças ou adolescente com adultos, remunerado com dinheiro, troca de favores ou outras formas de compensação. Segundo Sayão (2006, p. 31), a exploração sexual abrange também “o turismo sexual, a pornografia (principalmente pela internet) e o tráfico para fins de exploração sexual”. Desse modo, o tráfico de pessoas é caracterizado pela ação de transportar, recrutar, transferir ou alojar crianças dentro ou fora do território nacional, para explorar sexualmente.

SINAIS E SINTOMAS DE PRESENÇA DE VIOLÊNCIA SEXUAL EM CRIANÇAS

A identificação da violência sexual não é tarefa fácil, no entanto é primordial que todos estejam atentos aos sinais, uma vez que os indicativos da violência sexual estão relacionados aos sintomas. Os sinais são diferentes de criança para criança, pois cada um reage de diferentes maneiras diante das situações de abuso.

Na obra *Abuso Sexual em Crianças – fortalecendo Pais e Professores para proteger crianças de abusos sexuais*, Sanderson (2005) discute os sinais e os sintomas da violência sexual que aparecem na vivência emocional, interpessoal, comportamental, cognitiva e física das crianças vítimas do abuso. A autora destaca que os efeitos emocionais são identificados pela presença de timidez, vergonha, desrespeito pelos mais velhos, medo, culpa, ansiedade; sentem-se o tempo todo impotentes pois falta confiança em si e nas pessoas; falta iniciativa, firma-se o sentimento de inadequação, negação do próprio valor e até “congelamento” frente a experiências comuns para outras crianças (SANDERSON, 2005, p. 204).

Ainda segundo a autora, os sinais e sintomas ligados aos aspectos interpessoais ocorrem pelo modo como as crianças se relacionam com as pessoas, tais como o medo da aproximação e da intimidade com adultos, receio de carinhos e carícias, falta de confiança em si, solidão e isolamento, confusão na própria identidade (agem como crianças ou agem como mini-adultos), agressividade e confusão sobre como se relacionar com outros. Sanderson (2005) chama atenção para os aspectos comportamentais como um forte indicativo para se perceber quando a criança está sendo vítima de violência sexual, pois tais sinais mostram-se nos distúrbios de conduta, mudanças nos padrões de sono e alimentação, mudanças nos hábitos que outrora eram incomuns, como comportamento autodestrutivo, atitudes intencionais onde os mesmos colocam sua vida em risco e comportamentos regressivos na alimentação, sono, escola, linguagem etc.

E os aspectos cognitivos, ainda segundo a abordagem de Sanderson (2005, p.224), afetam a criança em sua concentração, atenção em geral, memórias boas excluídas e em sua compreensão real e limitada do mundo, distorcendo os conceitos sobre o que é bom ou ruim, certo ou errado, aceitável e inaceitável. Já os sintomas físicos aparecem por meio de “hematomas e sangramentos nos órgãos genitais da criança, coceiras e inflamações, odores estranhos na área vaginal e até doenças sexualmente transmissíveis”, vômitos e/ou dores de barriga frequentes e sem razão aparente e infecções urinárias recorrentes (SANDERSON, 2005, p.225). Face à presença de alguns sintomas isolados na criança, é necessário verificar se ela está de fato sofrendo abuso sexual.

OS IMPACTOS E CONSEQUÊNCIAS DA VIOLÊNCIA SEXUAL

Ainda é difícil relatar as consequências da violência sexual devido à falta de estudos longitudinais e à ausência de acompanhamentos apropriados, mas tais impactos na vida da criança podem variar consideravelmente de vítima para vítima. Sabe-se com certeza que a violação é prejudicial para a criança, a curto ou longo prazo. Para Ferrari e Vecina (2002) as consequências da violência podem variar entre as vítimas, dependendo da idade, de quem as violou, da personalidade da criança, da forma e do grau de violência do ato; da intimidade e da relação entre a vítima e o abusador; duração e tempo dos episódios.

Os efeitos advindos das consequências da violência sexual na infância podem se manifestar de várias maneiras, mas “a maioria dos pesquisadores concordam que o abuso sexual infantil é facilitador para o aparecimento de psicopatologias graves, prejudicando a evolução psicológica, afetiva e social da vítima” (ROMARO; CAPITÃO, 2007, p. 151). Desse modo, as consequências afetam de forma traumática, não somente aspectos emocionais, interpessoais, comportamentais, cognitivos, físicos e sexuais, mas também traumas que as impedem de continuar com a vida normalmente, pois “uma criança violentada sexualmente é uma criança cuja

a infância foi amputada, que foi introduzida prematuramente no mundo adulto, erotizado, sexualizado (LANDINI, 2011, p.15).

Nessa perspectiva, as consequências a curto prazo aparecem no isolamento social; sinais de ferimentos físicos; ansiedade, atitudes compulsivas, características de depressão, distúrbios de sono, aprendizagem e alimentação; sentimentos de vergonha, medo, raiva, culpa, inferioridade e episódios de masturbações compulsivas. Já as consequências que permeiam a longo prazo, dá-se pelo aparecimento de transtornos psiquiátricos, dissociação afetiva e de identidade, fobias e medos extremos; ansiedade intensa, sensações de perigo a todo momento, percepção distorcida da realidade; vícios em álcool e outras drogas; disfunções sexuais que permeiam durante a vida e doenças sexualmente transmissíveis.

Vale ressaltar, que as consequências e os impactos da violência sexual são diferentes entre as crianças. Para Sanderson (2005) e Furniss (1993) as consequências da violência sexual diferenciam de acordo com os seguintes fatores e situações: a idade da criança na época em que a violência ocorreu; a duração e a frequência das experiências do abuso; a intensidade da violência física; a diferença de idade entre o abusador e a vítima; o grau de relacionamento e de confiança entre ambos.

Diante do exposto, destacamos o infeliz impacto que qualquer forma de violência causa principalmente em crianças pequenas, pois, quanto mais nova a criança for, mais vulnerável ela é ao trauma em razão de sua incapacidade de enfrentar e mudar tal cenário de abuso; além disso, “maus tratos em uma idade precoce pode ter efeitos negativos duradouros no desenvolvimento e na função do cérebro de uma criança” (TEICHER, 2002). Assim, sabe-se que a violência é de fato prejudicial para a vida do indivíduo, uma vez que as sequelas afetam as mesmas em diferentes níveis e impactos, mas por falta de pesquisas e por outros vários fatores que limitam o aprofundamento das investigações sobre tais consequências, pouco se sabe sobre a extensão do dano desde a infância até a vida adulta dos indivíduos que foram vítimas de violência sexual.

A ESCOLA E O PROFESSOR DIANTE DA VIOLÊNCIA SEXUAL

A escola, além de ser uma instituição de ensino, também abrange uma socialização constante com expressões de comportamentos, atitudes e hábitos sociais de crianças e adolescentes. Assim, vale atentarmos ao fato de que a instituição escolar não apenas ensina, mas consegue alcançar vivências individuais, pode orientar ações preventivas, detectar e encaminhar casos de criança violentada sexualmente. Ostetto (2008) afirma que

no reino da prática pedagógica e da formação de professores/as, muito mais que domínio teórico, competência técnica e compromisso político. Lá estão histórias de vida, crenças, valores, afetividade, enfim, a subjetividade dos sujeitos implicados (OSTETTO, 2008, p. 128).

Assim, os professores (as) estão em uma posição única de convivência com seus alunos (as), sendo maior a possibilidade do mesmo observar, acompanhar e detectar os comportamentos atípicos demonstrados pela vítima. Por outro lado, a autora Landini (2011, p. 86) aborda em sua pesquisa os desafios do professor diante da violência sexual, afirmando a necessidade de preparar a escola para perceber e agir diante das situações de violência/abuso sexual e, portanto, todos/as precisam ser vistos/as como sujeitos ativos nesse processo: “muitas vezes, a percepção de que há algum problema que foi resguardado pelo segredo familiar aparece durante uma campanha de esclarecimento na/pela escola”.

Ressalta-se a importância do acesso a informações sobre a temática pelos professores na formação inicial ou continuada para serem orientados sobre “os mitos, os preconceitos, os tabus, as inverdades e as imagens — enfim, tudo o que carregamos em nossas vidas e que envolve nossas compreensões e vivências sobre a sexualidade” (MARTELLI, 2009, p.68). Os docentes devem ter a capacidade de identificar crianças que já são vítimas da violação e ensina-lás/incentivá-las, por meio de ações educativas e preventivas, a denunciar, buscar ajudar e evitar qualquer tipo de violação. Haja vista a falta de conhecimento, preparo e até o medo de comprometer-se em problemas maiores, muitos profissionais optam por se calar ante casos suspeitos de violência sexual infantil. É necessário romper o silenciamento e o medo dos profissionais, investir nas redes e práticas de detecção e de prevenção para as vítimas, capacitação adequada para os profissionais do âmbito escolar.

METODOLOGIA

Esta reflexão caracteriza-se pela abordagem qualitativa e afirma-se como um estudo bibliográfico, pois entende com mais subjetividade as questões implícitas nas pesquisas relativas à violência sexual. Marconi e Lakatos (2007) evidenciam que esse tipo de trabalho coloca o investigador em contato direto com toda a produção científica de um determinado *locus* de pesquisa; um tipo de análise que exige pensamento reflexivo e tratamento científico (MEDEIROS, 2007).

Assim, foram abordados artigos, livros, dissertações e teses produzidas nos últimos dez anos na área para fundamentar a análise de histórias infantis preocupadas com a prevenção da violência sexual contra as crianças. A pesquisa analisa dados de maneira compreensiva e explicativa com base na Análise de Conteúdo fundamentada em Franco (2005). Ainda fundamenta-se em Bardin (2016) segundo o qual o processo de tratamento de dados busca compreender um saber que está por trás da superfície textual, antes vista como neutra, e agora, em controvérsia, ganha relevo face à concepção de que há um sentido e um significado em toda mensagem.

Desse modo, as buscas pelos livros infantis ocorreram apenas em sites e livrarias *on-line*, pois as mesmas foram norteadas pelas palavras-chave: “violência sexual infantil”, “livros infantis”, “sexualidade infantil” e “contação de histórias”.

Os livros infantis foram selecionados a partir dos seguintes critérios: 1-disponíveis para venda nas livrarias *on-line*; 2-que abordassem violência sexual na infância e sexualidade infantil; 3-histórias destinadas para o público infantil e publicados nos últimos treze anos (entre 2007-2019). Assim, inicialmente selecionamos dez livros, mas apenas oito estavam disponíveis para a compra. Segue no Quadro 1 a descrição dos livros analisados:

Quadro 1 descrição dos livros analisados

<p>Não me toca seu boboca (Taubman, 2017)</p> <p>A história da coelhinha Ricota, de seus amigos e de um novo e amigável vizinho, o “Tio Pipoca”. Em segredo, o lobo convidou-a para visitá-lo; iriam comer, brincar e dançar mas aproveitou a oportunidade para aproximar-se indevidamente de Ricota, que percebe a situação e o denuncia com gritos.</p>	<p>Pipo e Fifi (Arcari,2013)</p> <p>O livro apresenta dois personagens principais (os “monstrinhos”, um menino e uma menina) e personagens secundários(crianças de idades, crenças, cores e classes sociais distintas). O livro narra situações do cotidiano das crianças em ambientes conhecidos, domésticos, de socialização (Escolas, praças, cômodos do lar e quintais), abordando de forma educativa e lúdica a diferença entre o toque abusivo e o toque afetivo.</p>	<p>Antônio (Ferreira,2012)</p> <p>O livro relata a história de Antônio, cujos pais trabalhavam e viajavam muito. A história narra o quanto o menino era feliz, adorava brincar, ler e contar histórias, mas um dia ele vivencia o medo, a solidão e a impotência ao ser tocado pela “mão”. Assim, Antônio sofre o drama de não conseguir denunciar seu aliciador, pois o mesmo é confiável aos olhos de todos. Finalmente,um dia descobriram quem é o dono da “mão”.</p>	<p>Chapeuzinho cor-de-rosa e a astúcia do lobo mau (Siquenel, 2010)</p> <p>O livro narra uma releitura do clássico infantil: A chapeuzinho vermelho e apresenta a história de uma menina que usava um chapéu rosa e certo dia, escondida da mãe, foi visitar a vovózinha. No caminho ela conhece um Lobo gentil e preocupado; os dois ficam amigos e começaram a se ver e a conversar todas as vezes que a menina ia visitar sua avó. Um dia o lobo fala coisas estranhas e toca indevidamente na menina.</p>
<p>Meu corpinho é só meu (Nogueira,2019)</p> <p>O livro relata a história da pequena Maria, uma menina que estava descobrindo sobre seu corpinho. Assim, ela aprende e ensina as crianças leitoras que nosso corpinho é especial, deve ser respeitado, ninguém pode tocá-lo para nos deixar triste e envergonhada.</p>	<p>Meu corpo é especial (Geisen,2007)</p> <p>O livro é um guia com viés cristão, destinado para que famílias as conversem com as crianças sobre abuso sexual. O guia desenvolve-se ao mostrar cenas de um pequeno doendo com sua família, amigos, professora e outros amigos doendes.</p>	<p>O segredo da Tartanina (Silva,Soma, &Watarai, 2011)</p> <p>O livro relata a história de uma tartaruguinha chamada Tartanina, que era feliz e adorava brincar com seus amigos no mar. Depois de um tempo, seus amigos perceberam que a tartaruguinha passara a agir de modo estranho. Um dia descobriram que um polvo chamado Malvo tirava fotos de Tartanina sem seu casco.</p>	<p>Segredo segredíssimo (Barros, 2011)</p> <p>O livro relata a história de duas amigas confidentes: Adriana, muito triste, conta seu segredo segredíssimo para Alice, seu “tio” brincava de “coisa” de gente adulta com ela. A amiga Alice aconselha a mesma a contar para sua mãe. Assim, Adriana finalmente desabafa sobre o abuso sofrido para a mãe.</p>

Fonte: dados da pesquisadora 2020

Assim, para a análise e discussão dos conteúdos apresentados nos livros selecionados, utilizou-se as seguintes categorias: O Aliciamento com as crianças; O ato - A violência sexual; O pedido de Segredo, A revelação e a Orientação para autodefesa.

HISTÓRIAS QUE ABORDAM A TEMÁTICA DA VIOLÊNCIA SEXUAL PARA CRIANÇAS: POSSIBILIDADE DE FORMAÇÃO CRÍTICA EM PROL DE UMA AUTODEFESA.

A seção discute as histórias infantis de forma pedagógica e situações para a formação das crianças em relação às autodefesas contra a violência sexual. A seção de discussões de dados apresentada aborda histórias infantis.

5.1 ANÁLISE DAS HISTÓRIAS INFANTIS.

CATEGORIA 1- O ALICIAMENTO DAS CRIANÇAS

O aliciamento “é essencialmente o processo que pedófilos e abusadores sexuais de crianças usam para entrar em contato com a criança e prepará-la para o abuso sexual” (SANDERSON, 2005, p.142), mais ainda, continua a autora (2005, p. 143), esse processo é uma forma de manipular ou seduzir emocionalmente a criança, construindo com as mesmas relações de amizade e intimidade, pois essa aproximação e contato com a vítima acontece de maneira sutil e agradável, investindo no processo de seduzir, conquistar e ganhar a confiança da criança, até manipular e enfim, abusar.

Nas histórias infantis há alguns sinais claros de aliciamento. Estes sinais mostram para a criança como identificar as atitudes na vida real. O Quadro 3 mostra os principais trechos:

Quadro 3 Sinais de aliciamento nos livros

Livros	Trechos que mostram o aliciamento com as crianças
Não me toca seu boboca	<p>“Sempre muito gentil e sorridente, Como ator de comercial de pasta de dente. Parecia um tio bonzinho, Vivia rondando o parquinho, Querendo se aproximar da gente.” (p.6)</p> <p>“Um dia, tio pipoca chamou a turma Toda pra ir na casa dele lanchar. Brincar e assistir televisão” (p.13)</p>

<p>Chapeuzinho cor-de-rosa e a astúcia do lobo mau</p>	<p>“Encontrou um lobo, mas ele não parecia nada mau! Ao contrário, foi até muito gentil.” (p.3)</p> <p>“No outro dia também. Aquele lobo era muito querido, levava doces para chapeuzinho, contava histórias engraçadas, e ela ia gostando cada vez mais do amigo” (p.4)</p> <p>“Os dias iam passando e a amizade entre eles, crescendo. A menina confiava muito naquele amigo. Ele sempre elogiava e lhe dava atenção” (p.4)</p>
<p>O segredo da Tartanina</p>	<p>“De repente, Glub ouviu alguém se aproximar dele, dizendo: - Ora, ora! Não chore, peixinho! Eu acho que posso ajudá-lo!” (p.18)</p> <p>-Venha! Lá em casa eu vou lhe mostrar quantos brinquedos interessantes eu tenho para dar às crianças! Você vai se divertir bastante, lhe prometo! – foi logo dizendo o polvo ao curioso peixinho. (p.19)</p>

Fonte: dados da pesquisadora 2020

Em três livros há sinais de aliciamento por parte do agressor, alguém estranho ou não que se aproxima das crianças para conquistá-las. Nas obras e na vida real os aliciadores usam os mesmos elementos para atrair as crianças/vítimas: boa conversa, disponibilidade para ajudar, doces, brinquedos e coisas de que as crianças gostam. Vale destacar que o aliciador “na maioria das vezes, não é facilmente identificável. Não são pessoas conhecidas por apresentarem comportamento condenável social ou legalmente” (SAYÃO, 2006 p.35). Dessa forma, os criminosos tem o perfil de pessoas normais, simpáticas e longe de qualquer suspeitas que “fingem ser charmosos, simpáticos, compreensivos, úteis, carinhos, generosos etc..”(SANDERSON, 2005, p.146).

A saber que o aliciamento é um crime silencioso de ganhar a confiança da criança por meio de atividades inocentes e agradáveis. Destacamos que os trechos dos livros infantis citados acima podem ser usados como momento de reflexão para as crianças no sentido de instruí-las para que não façam amizade com pessoas estranhas sem autorização de um adulto, no sentido de trabalhar que na idade de crianças os amigos, sejam de qualquer idade, precisam ser conhecidos dos pais ou do adulto que cuida da criança, ensinando também para as mesmas que pessoas próximas podem ser muito legais e gentis, mas se pedirem ou darem carinhos ou toques estranhos, é errado e crime . Diante do exposto, a autora Sanderson (2005) ressalta que o

mecanismo da noção de perigo em relação às outras pessoas ainda não está totalmente desenvolvido nelas e sua intuição ainda não está abastecida com informações suficiente nem experiência para mantê-las seguras” (SANDERSON, 2005, p.165).

As crianças, por ingenuidade e falta de conhecimentos, acabam inseridas em relações de aliciamentos e violações sexuais por isso, pais, professores e todos os profissionais que trabalham com crianças, devem também conhecer e reconhecer o comportamento e as ações dos adultos aliciadores, para que os mesmos abordem e instruam as crianças de maneira preventiva e adequada sobre os possíveis riscos.

CATEGORIA 2 - O ATO - A VIOLÊNCIA SEXUAL

A saber que a violência sexual é o “ato ou jogo sexual, relação heterossexual ou homossexual cujo agressor esteja em estágio de desenvolvimento psicosssexual mais adiantado que a criança ou o adolescente com o intuito de estimulá-las sexualmente ou utilizá-las para obter satisfação sexual” (DESLANDES, 1994, p. 13). Uma vez que, tal ato de violação pode ocorrer com ou sem uso de força ou contato físico. Assim, destacamos novamente trechos que explicitam a violência nas literaturas obtidas. O Quadro 4 mostra os principais trechos.

Quadro 4 O ato - A violência sexual

Livros	Trechos que mostram o ato da Violência Sexual
Chapeuzinho cor-de-rosa e a astúcia do lobo mau	<p>“Ele foi se aproximando devagar, chegou bem perto dela e falou baixinho no seu ouvido:</p> <p>- Eu gosto tanto de você, minha querida... fico pensando no teu corpo... e me dá vontade de te abraçar, de te beijar, de tocar em você..</p> <p>Em seguida, começou a passar a mão nos ombros dela no rosto de chapeuzinho, na cintura e por todo corpo da menina.” (p.4)</p>
Não me toca seu boboca	<p>Quando estávamos sozinhos, ele disse com tom de voz diferente:</p> <p>“Você é bem bonitinha..” (p.17)</p> <p>Mexeu na minha orelha pra ver o brinco que eu tinha</p> <p>Quis olhar a minha boca “pra ver se faltava dente</p> <p>Foi pegando no meu pescoço pedindo que eu não fizesse alvoroço:</p> <p>“é só pra ver o pingente pendurado na corrente” (p.18)</p>
O segredo da tartanina	<p>“[...] o senhor Malvo, tirando fotos da Tartarina sem seu casco! (p.23)</p>

Fonte: dados da pesquisadora 2020

As três obras de histórias infantis mostram claramente o ato da violência sexual, nas cenas em que os personagens (abusadores) expõe seus desejos sexuais à

menina (personagem); toques com malícia no corpo e fotos da vítima sem roupa. A autora Sayão (2006, p. 27) afirma que o crime da violência sexual pode incluir carícias, conversas abertas e inapropriadas sobre atividades sexuais, manipulação ou toques inapropriados no corpo, voyeurismo, exibicionismo, ocorrendo “com ou sem o uso da força e da violência (ameaça ou constrangimento)”.

Assim, os trechos destacados no Quadro 2 podem ser usados por pais, professores e outros profissionais como exemplo e base para “falar, discutir, pensar, desenhar e dramatizar sobre a situação de violência possibilitam a expressão e a elaboração das representações sobre o tema” (SAYÃO, 2006, p.18), ensinando as crianças a reconhecerem situações e toques abusivos, enfatizando que qualquer pessoa, estranho ou não, pode ter comportamentos inadequados, como pedir/tirar fotos sem roupa, mostrar imagens e vídeos de atos sexuais, tocar ou olhar as partes íntimas e que isso é crime. Vale ressaltar e ensinar para as crianças sobre os seus direitos de serem respeitadas e protegidas.

CATEGORIA 3 - O PEDIDO DE SEGREDO

Sabe-se que “quase sempre os abusadores fazem com que as crianças jurem segredo sobre o abuso sexual” (SANDERSON, 2005, p.25), ou seja, os aliciadores com frequência pedem segredo à criança vítima, que não relate o aliciamento ou a violência para outras pessoas. Nas duas histórias apresentadas, mostraremos trechos que destacam o pedido de segredo antes e depois do crime/violação sexual. O Quadro 5 mostra os principais trechos.

Quadro 5 Trechos de pedido de Segredo

Livros	Trechos que mostram o pedido de segredo
Não me toca seu boboca	“Mas tinha uma condição: Pedi a cada um Que não contasse pra ninguém, De jeito nenhum!” (p.5)
Chapeuzinho cor-de-rosa e a astúcia do lobo mau	“Depois disso chapeuzinho cor-de-rosa ficou muito confusa, ainda mais quando o lobo recomendou: - Nunca conte pra ninguém sobre nossa amizade, nem sobre o que fazemos. Pode ser que as pessoas não entendam, ou achem que você está mentindo... Por isso não conte a ninguém, reforçou o lobo; esse é o nosso SEGREDO! (p.5)

Fonte: dados da pesquisadora 2020.

Verificou-se nos dois livros a atitude do abusador ao pedir segredo para as crianças. Sabemos que o pedido de segredo é uma prática comum usada pelos abusadores; assim, Sanderson (2005, p. 239) destaca que primeiramente os abusadores

encorajam as crianças a manterem vários segredos aparentemente inofensivos e sem importância: se a criança os revelar, os segredos sexuais também podem vir à tona.

Diante disso, os trechos e as atitudes do abusador citados nas histórias infantis podem ser apresentados para as crianças como situações de risco inadequadas, ensinando as mesmas que não se deve guardar segredos dos seus responsáveis, que a mesma deve contar tudo o que lhe acontece (sendo acontecimentos legais ou não). Os adultos devem deixar claro para a criança que pedidos de segredo não devem ser obedecidos e guardados e que independente do que tiver acontecido, a culpa nunca é da criança, e devem instruí-las a contar para os pais, professores, vizinhos, policiais ou outro adulto sobre qualquer pedido e atitude que as façam mal.

CATEGORIA 4 - A REVELAÇÃO

Faleiros (2003) destaca que o momento da revelação do crime é muito delicado e determinante, no qual a vítima relata para alguém a violência sofrida. Nas histórias e vídeos obtidos para a análise, notou-se que a maioria das narrativas tinham o momento de revelação, quando a (o) personagem vítima denuncia quem é o abusador e as suas ações. O Quadro 6 mostra os principais trechos.

Quadro 6A revelação

Livros	Trechos que mostram a Revelação
Chapeuzinho cor-de-rosa e a astúcia do lobo mau	“Encheu-se de coragem e para a vovó contou tudo sobre o lobo, sobre o que ele dizia e sobre o que ele fazia, e de como ela se sentia mal. (p.6) E quando os pais dela chegaram, ela contou tudo, tudinho! Mais que depressa, os pais preocupados, foram direto ao conselho tutelar e fizeram a denúncia.” (p.7).
Segredo segredíssimo	“Naquele dia, antes de ir dormir, Adriana tomou coragem... (p.23) ... chamou a mãe no quarto e contou que o “tio” queria fazer brincadeiras de adulto com ela.” (p.24)
Antônio	“Antônio correu pra perto dela e começou a falar sem conseguir parar: - É A MÁO, É A MÁO! Ela é má. Ela faz maldades. Ela fica tocando em mim. Eu não quero, mas ela continua. Ela diz que vai fazer maldade com a minha mãe e com meu pai se eu contar pra alguém que ela fica me tocando. O Tio é a Mão! (p.49)
O segredo da Tartanina	“Então, finalmente, a tartanina se encheu de coragem – apesar de ainda ter medo e vergonha também- e foi contar tudo o que sentia para a professora Baléa!” (p.31)

Fonte: dados da pesquisadora 2020

Ao analisar os trechos expostos no Quadro 6, percebeu-se as violações reveladas pela vítima, o que o autor Fahlberg (2001) chama de Revelação Proposital, onde a vítima decide expor para alguém a violência sofrida ou que vem sofrendo, pois “à medida que a frustração aumenta, ela (vítima) finalmente revela o segredo (FAHLBERG, 2001, p.43). Em sua maioria, a revelação é um momento delicado e difícil pois é quando violência sai do seu contexto privado e passa a atingir relações e esferas públicas da vida da vítima; assim, impera o medo de serem apontadas como culpadas pela violência, de afetar negativamente a vida de pessoas que a vítima ama ou até mesmo do criminoso agressor que pode cumprir as ameaças feitas. Então, a ação de revelar e denunciar a violência por parte da vítima está ligada a uma relação de confiança que ela deposita na pessoa para quem contou, por isso destacamos a importância do adulto ouvinte munir-se de uma escuta ativa e afetiva.

Entendendo a importância da revelação para o fim do ciclo do aliciamento e violência vivida pela criança, as histórias podem ser usadas como instrumento para empoderar, dar importância e força para a voz (os relatos) da criança. Destacando para as mesmas os seus direitos de serem protegidas, podendo expressar seus sentimentos bons e ruins, que independente do ocorrido, as mesmas nunca serão as culpadas.

CATEGORIA 5 - ORIENTAÇÃO PARA AUTODEFESA

Outro fator importante analisado nos livros foi a orientação para prevenção da violência sexual direcionada para as crianças. Desse modo, a autora e pesquisadora Sanderson (2005, p.65) afirma que “se elas (crianças) forem alertadas sobre os perigos do abuso sexual, se for-lhes dada permissão para resistir e se forem fornecidas informações sobre como fazer isso, podem se tornar capazes de proteger a si mesmas”. Assim, destacamos no Quadro 7 as orientações apresentadas nos livros.

Quadro 7: Orientação para autodefesa

Livros	Trechos que mostram as orientações para autodefesa
Chapeuzinho cor-de-rosa e a astúcia do lobo mau	<p>“Carinho é muito bom e importante, mas há diferenças entre o toque bom e o toque ruim, muita atenção quando alguém mais velho que você, sendo homem ou mulher, conhecido ou não, te fizer coisas assim:</p> <p>Tocar em teu corpo, por baixo ou por cima da roupa, nas partes íntimas: isso é toque ruim. (p.9)</p>

Meu corpinho é só meu	<p>“Seu corpinho era só dela Ninguém estranho podia tocar E também quem ela conhecia Tinha que seu corpinho respeitar.(p.12) Não tocar em lugar nenhum que deixasse ela envergonhada Não tocar em lugar nenhum que deixasse ela calada. (p.15)</p>
Não me toca seu boboca	<p>“Se tiver alguém perto De quem você desconfia, Que não está agindo certo, Que finge ser teu amigo Pra fazer maldades contigo, Que fica querendo te tocar ou pedindo pra te fotografar E ver teu corpinho ou mostrando o dele pra você tocar.. (p.29) Se te acontecer alguma coisa parecida Com o que vivi, saia berrando e contando, Pedindo ajuda: faça o que eu fiz” (p.32)</p>
Pipo e Fifi	<p>“Ninguém pode te beijar ou abraçar à força, sem você permitir. (p.20) Nem fazer você sentar no colo sem a sua vontade ouvir(p.21) Carinhos em segredo nunca devem acontecer (p.22) Encostar nas suas partes íntimas? NÃO- você deve dizer. Se algum adulto fizer o toque do não, isso não é legal. Porque é um crime e se chama violência sexual” (p.23)</p>
Meu corpo é especial	<p>Não há problema em pedir privacidade. Se alguém recusa-se a dar você privacidade para se vestir ou tomar banho, fale para um adulto em quem você confia. (p.12) “Se você se sentir mal com o toque de alguém, é importante falar com um adulto sobre o que aconteceu. Há pessoas que vão escutá-lo, cuidar de você e protegê-lo” (p.25)</p>
O segredo da Tartanina	<p>Se você souber que alguém está passando por alguma intimidação semelhante à que você viu nessa historinha, peça que um adulto o ajude a encontrar a solução adequada! (p.34)</p>

Fonte: dados da pesquisadora 2020

Diante do exposto, a autora Sanderson (2005, p. 71) enfatiza que “uma criança com um comportamento confiante e positivo pode transmitir fortes mensagens de modo que o abusador não tente um abuso sexual por medo de ser descoberto ou ficar exposto”, por isso destacamos a importância de que as crianças recebam orientações e informações claras sobre a prevenção da violência sexual para as crianças, para que as mesmas internalizem os conceitos de proteção e autodefesa da violência sexual. Sayão (2006, p. 18) expõe que os adultos devem informar, ajudar e orientar as crianças na reflexão de algumas vivências que são complexas para o seu entendimento, e “essa postura contribui para que não ocorra, por parte das crianças e adolescentes, a naturalização da violência”.

Nesse entendimento, ao analisar, percebeu-se que a maioria dos livros apresentam orientações que podem ser usadas como recursos para ensinar e informar crianças sobre conceitos e sobre autodefesa contra a violência sexual. As orientações apresentadas no Quadro 7 abordam: quais são os toques e carinhos afetivos (de cuidado e amor) e/ou abusivos (intrusivos e errados), citando situações que são crimes e que não devem ser permitidos, vale enfatizar para as mesmas que elas são donas dos seus corpos e sentimentos, que merecem respeito, então a voz e vontade das mesmas tem importância e valor, por isso elas podem dizer “não” quando se sentirem mal pela ação de outra pessoa.

É necessário ensinar a criança a zelar por sua própria segurança, instruindo a não aceitar dinheiro ou favores de estranhos e a nunca passear com alguém a quem não conhecem, orientando sobre o que fazer se alguém se aproximar com atitudes e conversas estranhas, que as mesmas devem chamar a atenção de outras pessoas que podem as ajudar, gritar e correr. Destacamos também a importância de informar para a criança sobre como e para quem elas podem pedir ajuda, citando nomes de lugares, pessoas, endereços e telefones.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização desta investigação permitiu conhecer e aprofundar nos estudos sobre a violência sexual infantil, sobre a sexualidade infantil, bem como aspectos educativos sobre a temática. Desse modo, ao saber que a violência sexual ou quaisquer formas de violação contra a infância, de fato interferem na integridade e no desenvolvimento saudável da criança, gerando sequelas que afetam as mesmas a longo, médio ou curto prazo. Ressalta-se a importância e a necessidade de investir nas intervenções que forneçam informações sobre violência sexual e sua prevenção para as crianças, pais, educadores e outros profissionais que trabalham com o público infantil.

Ao analisar os livros infantis, percebeu-se que os mesmos podem ser usados como práticas pedagógicas dentro das escolas, casas e outros locais que atuem com a infância. Assim, os livros e vídeos infantis citados, podem contribuir e auxiliar

no trabalho de profissionais a desenvolverem projetos de prevenção, ajudando os mesmos no processo de criação, seleção e identificação de livros para serem usados nas práticas de ensino, aumentando a possibilidade de muitas outras ideias e estratégias de prevenção voltadas para a infância. A pesquisa auxilia na formação da família sobre métodos de abordagem adequada com as crianças em relação a informação sobre a violência Sexual.

Reiteramos sobre a necessidade da formação continuada sobre a temática para profissionais da educação, uma vez que ainda percebe-se a escassez de conhecimentos seguros e práticas pedagógicas sobre a Educação Sexual dentro das escolas, haja vista a importância dos profissionais estarem aptos e munidos de conhecimentos e práticas adequadas para lidar com a problemática.

Ressalta-se a necessidade de investimentos em estudos e pesquisas sobre o tema nas esferas educacionais, para fomentar discussões, atualização de dados e práticas de prevenção da violência sexual infantil.

MADURO, D. P. D.; BRITO, Â. C. U. Prevention pedagogical practices against the childhood sexual violence: children's stories analysis. *Educação em Revista*, Marília, v. 22, p. 107-126, 2021, Edição Especial.

Abstract: The investigation has the objective to analyze the Pedagogical Practices which can make the children's formation possible in relation to the prevention of sexual violence through literature, in order that they can develop the protective abilities. It has the following investigative question: How to work Pedagogical Practices with the infant audience using stories that address themes of violence and sexual prevention? The methodology is based on the qualitative approach, on bibliographic studies with the use of articles, books, dissertation and theses produced in the last 10 years of research on the field. The results show the need for investment in interventions which can provide information on the sexual violence and its prevention to all audiences, especially for parents, teachers and other professionals to develop prevention projects, helping them in the creation process, selection and book identification to be used in the teaching practices. The research helps in the formation of the family about suitable approach methods with children in relation to sexual violence.

Keywords: Sexual Violence. Childhood. Children's book.

REFERÊNCIAS

- ARIÈS, Philippe. *História social da criança e da família*. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.
- AZAMBUJA, M. R. F. *Violência sexual intrafamiliar: é possível proteger a criança?* Ed: Livraria do Advogado. Porto Alegre, RS. 2004.
- ABRAPIA – ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA MULTIPROFISSIONAL DE PROTEÇÃO A INFÂNCIA E À ADOLESCÊNCIA. *Abuso sexual – mitos e realidade*. Petrópolis: Autores & Agentes & Associados, 3ª Ed., Abrapia, 2002.

ARAÚJO, Maria de Fátima. *Violência e abuso sexual na família*. Psicologia em Estudo, Maringá, v.7, n.2, p.3-11, 2002.

ARCARI, Caroline. *Pápo e Fifí: Ensinando proteção contra a violência sexual*. Curitiba: Ed. Caqui, 2018.

Barros, Odívia. *Segredo segredíssimo*. São Paulo: Geração Editorial, 2011.

BARDIN, Laurence. *Análise de Conteúdo*. Lisboa, Portugal: Edições 70, 2016.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretária de Educação Básica. *Base Nacional Comum Curricular* Secretária de Educação Básica –Brasília: MEC 2016 2ª versão. <<http://www.consed.org.br/download/base-nacional-comum-curricular-2a-versao-revista>>Acessado em 08 de Abril de 2017.

CÉSAR, M. R. de A. *Gênero, sexualidade e educação: notas para uma “Epistemologia”*. Curitiba: Editora UFPR, 2009

DESLANDES, S. F. *Care of Children and Adolescents Suffering Domestic Violence: Analysis of a Service*. Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro, 10 (supplement 1): 177-187, 1994.

Ferrari, D.C.A. &Vecina, T.C.C. *O fim do silêncio na violência familiar: teoria e prática*. São Paulo: Ágora, 2002.

FURNISS, T. *Abuso Sexual da Criança: uma abordagem multidisciplinar*, Porto Alegre, Artes Médicas, 1993.

FAHLBERG, V. (org). *Textos Básicos*, apostila da Disciplina “Capacitação para Entrevista de Revelação no Caso de Abuso Sexual”, Depto. de Serviço Social / PUCRio, 2001.

Faleiros, E. *Abuso sexual contra crianças e adolescentes: os (des)caminhos da denúncia*. Brasília: Presidência da República, Secretaria Especial dos Direitos Humanos, 2003.

FRANCO, Maria Laura Puglisi Barbosa. *Análise do conteúdo*. Brasília, 2ª edição: Liber Livro editora, 2005.

GEISEN, Cynthia. *Meu corpo é especial: um guia para que a família converse sobre abuso sexual*. São Paulo: Paulus, 2007.

LANDINI, Tatiana Savoia. *O professor diante da violência sexual*. vol. 04. São Paulo, SP: Cortez, 2011.

MAIO, Eliane Rose. *O nome da coisa*. Maringá: UniCorpore, 2011.

MARTELLI, Andréa Cristina. Uma Experiência pedagógica com o tema transversal Orientação Sexual. SELLA, Aparecida Feolae CORBARI, Clarice Cristina (orgs.). *Discutindo o Ensino*. Cascavel, Pr. Edunioeste, 2009.

MEDEIROS, João Bosco. *Redação científica: a prática de fichamentos, resumos, resenhas*. 9. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. *Metodologia científica: ciência e conhecimento científico, métodos científicos, teoria, hipóteses e variáveis*. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

MIRANDA, Ângela Torma; YUNES, Maria Angela Mattar. A denúncia do abuso sexual contra crianças e adolescentes no ambiente escolar. SILVA, Fabiane Ferreira et al. (orgs.). *Sexualidade e escola: compartilhando saberes e experiências*. Rio Grande: FURG, 2008, p. 101-109.

NOGUEIRA, Lara. *Meu corpinho é só meu*. Curitiba: Editora Inverso, 2019.

OSTETTO, Luciana Esmeralda (org.). *Educação Infantil: saberes e fazeres da formação de professores*. Campinas/SP: Papirus (Coleção Ágere), 2008.

POSTMAN, N. *O desaparecimento da infância*. Rio de Janeiro: Graphia, 2012.

PIETRO, Angela Torma. *A denúncia de abuso sexual no ambiente escolar: o estudo de uma proposta de intervenção para professores do Ensino Fundamental*. 117f. Dissertação (Mestrado em Educação Ambiental) – Universidade Federal do Rio Grande: Rio Grande, 2007.

ROMARO, R. A.; CAPITÃO, C. G. *As faces da violência: aproximações, pesquisas, reflexões*. São Paulo: Vetor, 2007.

SANDERSON, C. *Abuso Sexual em Crianças: fortalecendo pais e professores para proteger crianças de abusos sexuais*. São Paulo: M. Books do Brasil Editora, 2005.

SAYÃO, Yara. *Refazendo laços de proteção: ações de prevenção ao abuso e à exploração sexual comercial de crianças e adolescentes*. Manual de orientação para educadores. São Paulo, SP: CENPEC: Childhood Instituto WFC Brasil, 2006.

SOMA, Sheila ; SILVA, Alessandra ; WATARAI, Cristina. *O Segredo da Tartarina*. São Paulo: Universidade da Família, 2011.

SIQUINEL, Cláudia Bonete. *Chapeuzinho cor-de-rosa e a Astúcia do Lobo Mau*. Campo Grande: Biblio Editora, 2010.

Teicher, M.H. *Feridas que não cicatrizam: a neurobiologia do abuso infantil*. Scientific American Brasil, 1, 83-89, 2002.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. *Global consultation on violence and health*. (1996). *Violence: a public health priority* (document WHO/EHA/SPI.POA.2). Geneva: WHO.

<Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232006000500007> Acesso em: 13 de abril de 2019.

Recebido em: 22/06/2020.

Aprovado em: 24/11/2020

